

ANÁLISE DOS REMANESCENTES ARQUEOLÓGICOS PROVENIENTES DO PROJETO DE MONITORAMENTO DA PCH INDAIÁ GRANDE, MUNICÍPIO DE CASSILÂNDIA, MS.

Rodrigo Luiz Simas de Aguiar¹, Débora Korine Regonato² e Alessandra Peixoto Lopes³

RESUMO: O artigo apresenta os resultados da análise de artefatos líticos da coleção “PCH Indaiá Grande”, procedente do município de Cassilândia, estado de Mato Grosso do Sul, e que integra a reserva do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal da Grande Dourados. Além da análise tipológica, empregou-se microscopia, com aumento de 40 vezes, na busca por estigmas de uso e na identificação da matéria prima. Apesar da dificuldade de se propor cronologias e de se inserir os artefatos em uma das tradições arqueológicas registradas em Mato Grosso do Sul, especula-se, a partir da comparação com outros remanescentes do mesmo município, a relação do conteúdo analisado com a Tradição Una.

Palavras-chave: Arqueologia; Pré-história; Mato Grosso do Sul.

ABSTRACT: This paper brings the results of an analysis made over lytic artifacts from the “PCH Indaiá Grande” collection, founded in Cassilândia, Mato Grosso do Sul State, Brazil. This collection is part of the technical reserve of the Archaeology Lab at the Federal University of Grande Dourados. Despite the typological analysis objects were observed under a microscope (40x) in search of traces of use and to identify the raw material. Above all difficult to insert those remains in one archaeological category – as the Brazilian Traditions – and to propose chronologies, we speculate connections with the Una Tradicion supported by the similarities with other remains from Cassilândia.

Keywords: Archaeology; Prehistory; Mato Grosso do Sul, Brazil

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta os resultados dos trabalhos laboratoriais de análise de material lítico proveniente do projeto de “Monitoramento do Patrimônio Arqueológico da área sob intervenção da PCH Indaiá Grande, Município de Cassilândia, Estado de Mato Grosso do Sul”.

¹ Doutor em Antropologia pela Universidade de Salamanca. Pós doutorado em Arqueologia Pré-histórica pela Universidade de Coimbra. Laboratório de Arqueologia, Universidade Federal da Grande Dourados.

² Laboratório de Arqueologia, Universidade Federal da Grande Dourados.

³ Laboratório de Arqueologia, Universidade Federal da Grande Dourados.

Os trabalhos de monitoramento foram desenvolvidos pela “Ambiente Consultoria e Assessoria, LTDA”, sob a coordenação da arqueóloga Camila Constantino Alves (RELATÓRIO DE ALVES, 2011). Os remanescentes arqueológicos foram depositados no Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal da Grande Dourados a partir do Acordo de Cooperação Técnica Nº 011/2013, passando a integrar a sua reserva técnica e estando disponível para atividades científicas, como esta, cujos resultados são apresentados nas páginas que seguem.

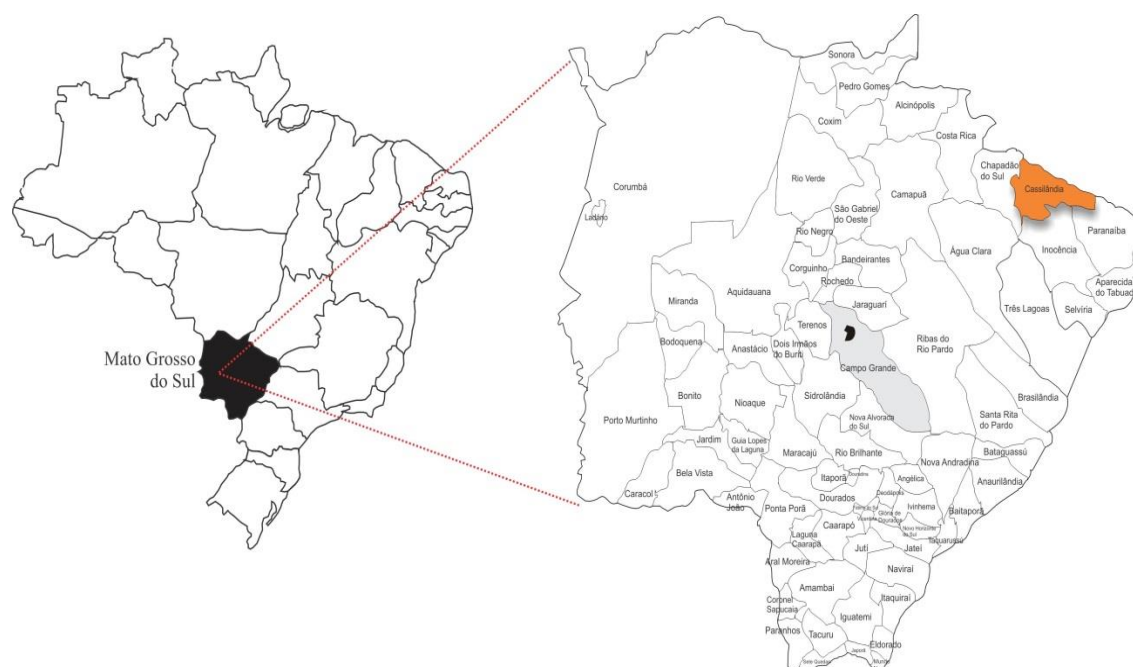


Fig. 1. Localização do município de Cassilândia em relação ao mapa de Mato Grosso do Sul – destaque em vermelho.

O acervo referente ao monitoramento da PCH Indaiá Grande constitui-se de um total de 110 peças, compostas de amostras de carvão, fragmentos de vidro, resíduos de lascamento, lascas comuns e lascas potencialmente utilizáveis como instrumentos, dos tipos raspadores, furadores e lâminas. No laboratório, ocupamo-nos de analisar exclusivamente o material lítico, claramente relacionado a contextos pré-históricos, descrevendo a tipologia dos artefatos e buscando potenciais estigmas de uso.

Nem sempre é fácil distinguir os estigmas de uso em artefatos líticos, diferenciando com clareza as marcas decorrentes da ação humana daquelas resultantes de processos naturais. Para tanto, seguimos conceitos básicos vigentes há décadas, instituídos pela arqueologia desde o importante trabalho de Semenov (1973): ocupar-se da anatomia da lasca, desde sua elaboração por percussão até os possíveis retoques por pressão, buscando também identificar alterações na forma e na textura nas áreas empregadas no trabalho, como bordas e gumes, que resultam em faixas com brilho, opacidade, estrias ou microlascamentos. Para desenvolver este tipo de análise, em alguns casos é preciso submeter o material a microscopia. No laboratório, utilizou-se estereoscópio binocular com aumento de 40 vezes.

1-CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

A ocupação humana no Estado de Mato Grosso do Sul tem início há 12.600 anos (MARTINS & KASHIMOTO, 2012), com a fixação de caçadores e coletores em cavernas e abrigos dispostos pelos campos de cerrado. Muitos destes primeiros sítios arqueológicos apresentam uma indústria de lascas usadas como lâminas e raspadores, alguns dos quais descritos como artefatos plano-convexos, classificados para o Brasil Central dentro da denominação Tradição Itaparica (SCHMITZ *et al.*, 1984; SCHMITZ *et al.*, 1989; SCHMITZ, 2005). Os raspadores plano-convexos, vulgarmente chamados “lesmas” em razão do formato característico, são considerados como fóssil guia no estudo daquelas ocupações humanas do Centro-oeste cujos assentamentos datam de final do Pleistoceno e início do Holoceno, o que levou alguns arqueólogos a adotarem o termo “indústria Itaparica” ao se referir a este tipo de tecnologia lítica (SOUZA, 2016). Contudo, não se trata de um fenômeno absoluto, como constatado por Aguiar & Souza (2017).

Schmitz (1999; 2005) identificou alterações na tecnologia, na alimentação e na conduta funerária em contextos arqueológicos do Brasil Central que datam de 8 mil anos, o que o levou a propor a Tradição Serranópolis para classificar os assentamentos deste período.

Populações de caçadores persistem, em alguns pontos do Centro-Oeste, até o Holoceno Médio, apresentando pequena variação na cultura material. Alguns destes grupos caçadores e coletores serão os autores das pinturas rupestres de Mato Grosso do Sul, executadas nos paredões dos abrigos e cavernas presentes na faixa de transição entre cerrado e pantanal.

Já em tempos mais recentes, depois do ótimo climático, surgem algumas especializações tecnológicas que indicam o prelúdio das primeiras populações ceramistas da região. Os sítios arqueológicos cerâmicos mais antigos do Brasil Central datam de 4 mil anos (PROUS, 1992). Seriam ceramistas Jê que se instalaram em abrigos e cavernas antes ocupados por caçadores e coletores. Em Mato Grosso do Sul, cerâmica deste tipo, encontrada no sítio arqueológico Templo dos Pilares (Alcinópolis), foi datada em 3 mil anos (AGUIAR, 2016; AGUIAR & SOUZA, 2017). Wust (1990) acredita que estes povos ceramistas seriam a continuidade de caçadores e coletores tardios que gradualmente incorporam a cerâmica e, posteriormente, a agricultura.

A cerâmica Jê caracteriza-se pela produção de recipientes de pequena dimensão, usados no preparo de alimentos, e que, em alguns casos, apresenta decoração de linhas incisas nas suas paredes. Os sítios de ocupação de ceramistas Jê pré-históricos mostram uma baixa densidade de fragmentos cerâmicos, acompanhados de uma indústria de lascas obtidas por percussão direta dura, pouco ou nada trabalhadas, sendo comum o emprego de lascas *per se* na forma de raspadores e lâminas. Nestes casos, a matéria prima dominante é o arenito silicificado ou o quartzito. Mais raramente aparecem artefatos polidos, como machados.

A baixa frequência dos fragmentos cerâmicos e de artefatos polidos são evidências que apontam para grupos de ceramistas que ainda não praticavam a agricultura, privilegiando o modo de vida caçador e coletor.

Os ceramistas Jê serão sucedidos por grupos agricultores, produtores de grandes recipientes cerâmicos, como os Aratu e os Tupiguarani. A presença dos ceramistas

Tupiguarani em Mato Grosso do Sul teve início por volta de 1.300 A.P. (KASHIMOTO & MARTINS, 2008), havendo casos em que grupos desta natureza chegam a contatar os colonos europeus. Situação cronológica similar é notada também entre os ceramistas Aratu.

O interesse desta pesquisa está nas ocupações Macro Jê. Estes grupos teriam, a partir de 3.000 A.P., migrado do Centro-Oeste para a região Sul (SCHMITZ & ROGGE, 2013), onde se adaptaram ao novo contexto ambiental das matas de araucária, incorporando o pinhão à alimentação. Assim, o período cronológico que abrange a ocupação Macro Jê em Mato Grosso do Sul é estimado entre 4.000 e 3.000 A.P., datas confirmadas com as escavações no Templo dos Pilares (AGUIAR, 2016).

2-O POTENCIAL ARQUEOLÓGICO DA ÁREA DE OCORRÊNCIA

O Rio Indaiá Grande é parte componente do subsistema do Rio Sucuriú, que integra a Bacia Hidrográfica do Rio Paraná. Trata-se de uma área de elevado potencial arqueológico, estando no intermédio de importantes sítios, como Casa de Pedra, em Chapadão do Sul, detentor da data mais antiga para o povoamento de Mato Grosso do Sul, e de Serranópolis, emblemático sítio de Goiás. Emília Kashimoto e Gilson Martins, que há décadas investigam sítios arqueológicos dos sistemas que formam a Bacia do Paraná, asseveram que os assentamentos humanos nestas áreas “constituíram-se em palimpsestos de ocupações que revelaram uma similar preferência por locais apropriados ao lascamento junto às jazidas de matéria-prima lítica” (KASHIMOTO & MARTINS, 2016, p. 15).

O sítio Casa de Pedra foi inicialmente estudado por Pedro Ignácio Schmitz e sua equipe na década de 1980. Na ocasião, as prospecções revelaram a presença de material análogo a Serranópolis, especialmente os plano-convexos da Tradição Itaparica (VERONEZE, 1992). A presença de artefatos plano convexos na Casa de Pedra também foi percebida em pesquisas posteriores, confirmando tal vinculação (KASHIMOTO & MARTINS, 2016). Estas ocupações do Holoceno Inicial geraram material lítico com dimensões e, conseqüentemente, pesos maiores se comparadas com as ocupações do Holoceno Médio do contexto do Paraná e Sucuriú (KASHIMOTO & MARTINS, 2016).

3-ANÁLISE DOS ARTEFATOS LÍTICOS

Das 110 peças da coleção “PCH Indaiá Grande”, 70 correspondem a artefatos acabados ou lascas, sendo o restante composto por estilhas, vidros contemporâneos e restos de carvão. A matéria prima dominante é o quartzito-arenito silicificado. Alguns poucos fragmentos são de quartzo leitoso ou silexito, indicando o uso destas rochas como matéria prima, mas de forma muito rara.

A análise do material aponta para a produção de raspadores e lâminas feitas em lascas sobre plataformas de quartzito ou arenito silicificado. São peças pequenas, não ultrapassando os seis centímetros, indicando, tanto pela massa quanto pela forma, a ausência de artefatos plano-convexos. Trata-se do típico caso de uso de lascas *per se*, cuja morfologia já apresenta potencialidades como instrumento.

Raspador	Lâmina	Raspador e furador	Furador	Lasca comum
11	2	4	2	51

A maior parte das lascas extraídas possui formato conchoide, tipicamente resultante de percussão direta dura. As plataformas de lascamento são, predominantemente, de quartzito, que é uma rocha metamórfica. Ou seja, diferente do arenito silicificado, que em certos casos demanda a remoção do córtex mais friável a fim de se atingir os veios silicificados, aqui não foi necessário o emprego prévio de decupagem para extração de camadas externas. Contudo, também se detectou o uso de arenito silicificado como matéria prima.

As características inventariadas afastam estes objetos do horizonte mais antigo para o Alto Sucuriú, que possuem mais massa se comparados com os de ocupações do Holoceno Médio, conforme as descrições de Kashimoto e Martins (2016) para as ocupações da região. Contudo, a ausência de pontas de projéteis e de artefatos polidos torna igualmente

problemática a associação dos objetos analisados com o horizonte mais recente, pertencente a contextos do Holoceno Médio.

Apesar da ausência de artefatos polidos, a morfologia das lâminas e raspadores se assemelha com a das peças provenientes do monitoramento da PCH Indaiazinho, que igualmente se deu em Cassilândia e cujo material também integra a reserva técnica do Laboratório de Arqueologia da UFGD. As peças de Indaiazinho estão associadas a fragmentos de cerâmica Una, estimada no estado entre 3 e 4 mil anos (AGUIAR, 2016). Com isso, existe potencial conexão entre os artefatos aqui analisados e ocupações da tradição Una.



Fig. 2. Principais artefatos da coleção PCH Indaiá Grande.

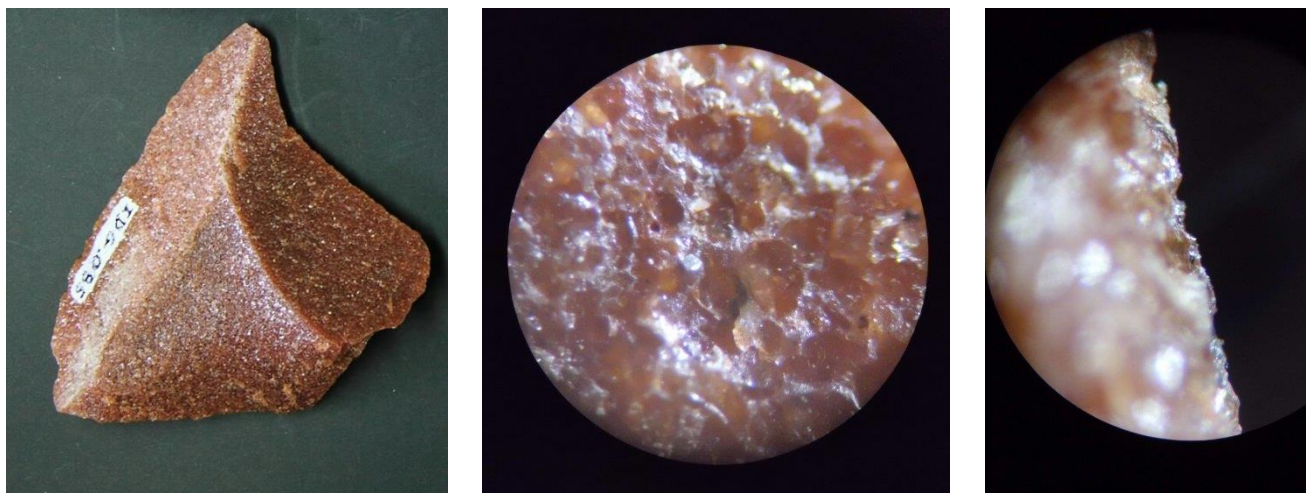


Fig. 3. Peça de número 85 (fig. 3a). A não uniformidade dos grãos de quartzo, tanto no tamanho, quanto na distribuição sobre o cimento, são características presentes no quartzito (fig. 3b). Microlascamentos e ranhuras no gume apontam para seu uso como raspador (fig. 3c).

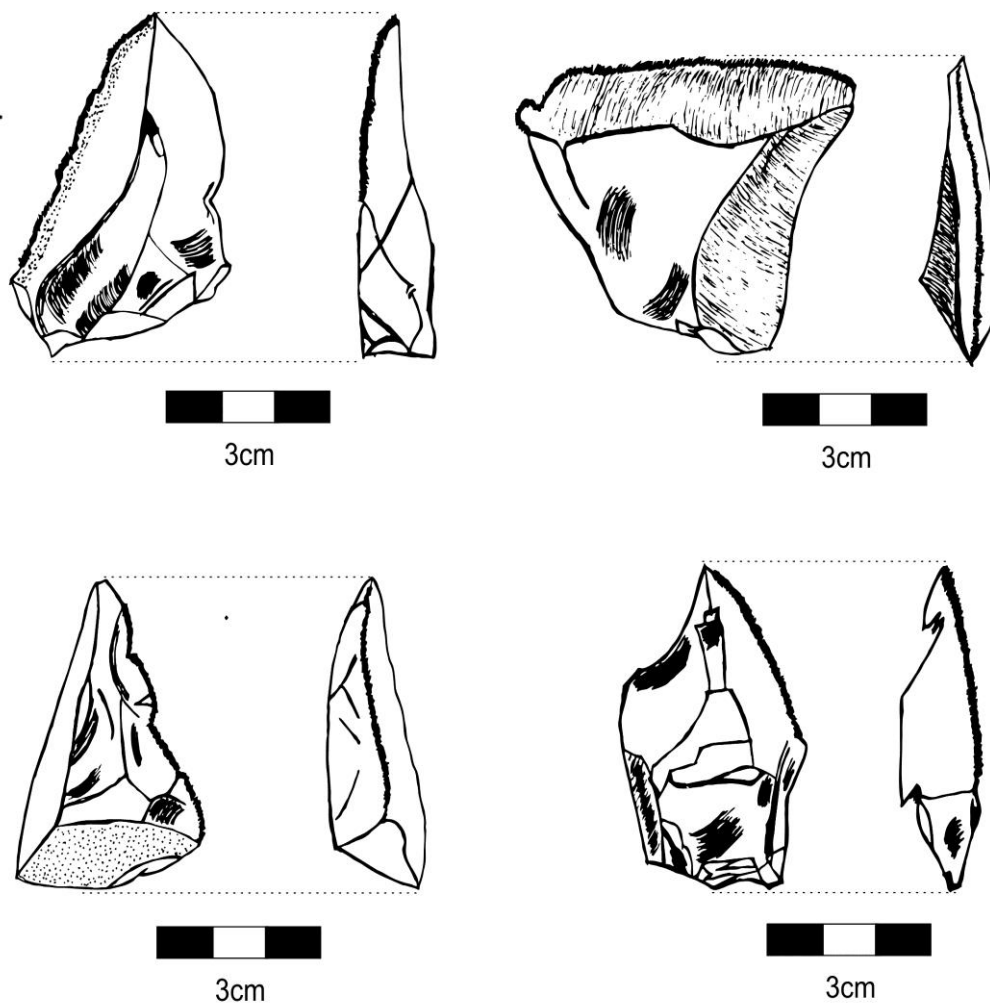


Fig. 4: Desenhos das peças 101, 085, 011 e 010, respectivamente, onde é possível notar os retoques produzidos sobre as lascas originais. A peça 011 apresenta vestígios do córtex natural.

4-RESULTADOS

As peças analisadas possuem características tipológicas que as afastam das ocupações mais antigas, situadas no Holoceno Inicial. Dentre elas, destaca-se a ausência de artefatos plano-convexos. Igualmente problemática parece a associação do material com as

ocupações do Holoceno Médio, principalmente pela ausência de pontas, tecnologia presente em sítios de tal período na região.

A presença de cerâmica do tipo Una e de artefatos líticos tecnologicamente muito semelhantes em outro sítio de Cassilândia, situado no Rio Indaiazinho, parece ser o caminho mais viável de associação. Ainda que seja impossível garantir a vinculação entre os dois materiais, até o momento esta parece ser a proposta mais adequada. Assim, os remanescentes aqui analisados corresponderiam a ocupação de um grupo Macro Jê, cuja data estimada estaria entre 4 e 3 mil anos.

A matéria prima dominante empregada na produção dos artefatos foi o quartzito. Mas também se constatou o uso de arenito silicificado em algumas peças e, em outras, a análise foi inconclusiva. Como em ambas as matérias primas, as características físicas de interesse arqueológico são semelhantes (ainda que com sutis diferenças), como grau de dureza e comportamento de propagação da onda de choque na percussão direta, atributos que influenciam diretamente o controle do lascamento, parece adequado agrupá-las em uma categoria maior: quartzito/arenito silicificado. Muito esporadicamente, aparecem vestígios de outras matérias primas, como o quartzo e o silexito, indicando que as jazidas destes materiais alternativos não estavam tão acessíveis.

A análise das bordas de determinados artefatos em microscopia, com ampliação de 40 vezes, apontou a presença de microlascamentos, embotamentos e estrias que confirmam o uso destes como raspadores. O desgaste notado macroscopicamente nas pontas de dois artefatos é um claro estigma de uso como furador. Assim, confirma-se que não se tratam de meras lascas comuns, mas de artefatos efetivamente empregados no trabalho.

A coleção “PCH Indaiá Grande” do Laboratório de Arqueologia, ainda que muito pequena se comparada a outras que compõem a reserva técnica, apresentou excelentes resultados de análise, em parte pela clara tipologia dos artefatos. Com isso, propiciou-se uma atividade científica frutífera na inserção de acadêmicos de graduação nos processos de

análise de material lítico, contribuindo também para ampliar o contexto arqueológico relacionado ao município de Cassilândia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGUIAR, R. L. S. *Templo dos Pilares, Alcinópolis*. Dourados: Laboratório de Arqueologia da UFGD, 2016.

AGUIAR, R. L. S. & SOUZA, J. C. *Prospecção arqueológica intrusiva no sítio arqueológico 'Templo dos Pilares', município de Alcinópolis (MS)*. Relatório enviado pelo Laboratório de Arqueologia da UFGD ao IPHAN, 2016.

AGUIAR, R. L. S. & SOUZA, J. C. A escavação no sítio arqueológico Templo dos Pilares e sua relação com a ocupação humana e a produção de arte rupestre em Mato Grosso do Sul. *Clio Arqueológica*, Vol. 32, N. 2, 2017, pp. 118-138.

ALVES, C. C. *Resultado do Monitoramento do Patrimônio Arqueológico da Área sob Intervenção da PCH Indaiá Grande, Município de Cassilândia, Estado de Mato Grosso do Sul*. Belo Horizonte: Ambiente Consultoria e Assessoria, LTDA, 2011.

KASHIMOTO, E. M. & MARTINS, G. R. Jazidas de matérias primas litológica utilizadas por caçadores e coletores do Holoceno Inferior e Médio na Bacia do Paraná, Brasil. *Anuário de Arqueologia*, Rosário, N. 8, 2016, pp. 07-27.

KASHIMOTO, E. M. & MATINS, G. R. A problemática arqueológica da tradição cerâmica Tupiguarani em Mato Grosso do Sul. In: André Prous. *Os ceramistas tupiguarani*. Belo Horizonte: Sigma, 2008, pp. 149-178

MARTINS, G. R.; KASHIMOTO, E. M. *12.000 anos: Arqueologia do povoamento humano no nordeste de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande (MS): Life Editora, 2012.

PROUS, A. *Arqueologia brasileira*. Brasília: UnB, 1992.

SCHMITZ, P. I.; ROGGE, J. H. Pesquisando a trajetória do Jê meridional. *Pesquisas, Série Antropologia* No. 70, 2013, pp. 07-33.

SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S.; JACOBUS, A. L.; RIBEIRO, M. B. Arqueologia nos cerrados do Brasil Central: Serranópolis I. *Pesquisas, Série Antropologia*, No. 44. São Leopoldo: IAP, 1989.

SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S.; RIBEIRO, M. B.; VERARDI, I. *Arte Rupestre no Centro do Brasil: pinturas e gravuras da Pré-História de Goiás e oeste da Bahia*. São Leopoldo: IAP/Unisinos, 1984.

SCHMITZ, P. I. Arqueologia do Estado do Mato Grosso do Sul. *Palestra de abertura do XIII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. São Leopoldo: IAP/Unisinos, 2005. Disponível em: <http://www.anchietano.com.br>.

SCHMITZ, P. I. Caçadores-coletores do Brasil Central. In. TENÓRIO, M. C. *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999, pp. 75-88.

SEMENOV, S. A. *Prehistoric Technology*. Bath: Adams & Dart, 1973.

SOUZA, J. C. M. Lithic technology of an Itaparica industry archaeological site: the Gruta das Araras rockshelter, Midwest Brazil. *Journal of Lithic Studies*, vol. 3, No. 1, 2016.

WÜST, I. *Continuidade e mudança: para uma interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais da bacia do rio Vermelho, Mato Grosso*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. São Paulo: USP, 1990.

Recebido em 22/08/2018

Aprovado em 30/12/2018